

ARTIGO



CLÁSSICO

Harmonia trans-sistêmica: variação intra- e inter-lingüística*

Fernando Tarallo e Mary Kato

1. Propriedades Paramétricas e Probabilidades

“Somente aquele lingüista que, ao menos uma vez, sai da atmosfera esfumada de hipóteses de seu gabinete (...) e adentra o ar puro da realidade tangível (...) a fim de colher informações sobre aqueles fatos que teorias cinzentas jamais lhe podem revelar, e somente aquele que para sempre renuncia àquele método de investigação antigamente difundido e ainda muito usado segundo o qual as pessoas observam a linguagem somente no papel e tudo resolvem através de terminologia, sistemas de regras e formalismo gramatical e acreditam, assim, terem desvendado a essência dos fenômenos ao terem alinhado um nome para a coisa – somente ele poderá chegar a uma idéia correta sobre o modo como as formas lingüísticas vivem e mudam, e somente ele pode adquirir aqueles princípios metodológicos sem os quais nenhum resultado confiável pode jamais ser obtido em investigações sobre a linguagem (...).”¹

* Este artigo foi publicado inicialmente em: TARALLO, Fernando; KATO, Mary. A. “Harmonia trans-sistêmica: variação intra- e inter-lingüística”. Preedição 5. Campinas, SP: Unicamp, 1989. Agradecemos novamente ao editor da coleção Preedição, Eduardo Guimarães, e aos autores, em nome de Mary Kato, por terem autorizado a reimpressão do artigo publicado.

¹ “Therefore: only that comparative linguist who for once emerges from the hypotheses-beclouded atmosphere of the workshop in which the original Indo-European forms are forced, and steps into the clear air of tangible reality and of the present in order to get information about those things which gray theory can never reveal to him, and only he who renounces forever that formerly widespread but still used method of investigation according to which people

Iniciamos o presente trabalho de maneira insólita: uma citação clássica retirada de um texto igualmente clássico. Mais insólito ainda é o nosso propósito de mantê-la, ao menos por alguns minutos, em anonimidade. Não se trata, absolutamente, de um jogo de adivinhação, “quebra-cabeças”, ou coisa que o valha. A revelação da identidade do autor (ou quiçá, dos autores?) virá a seu tempo. Gostaríamos, sim, de explorar esse pequeno texto naquilo que ele deixa entrever sobre teoria e método nas investigações sobre a linguagem.

Nosso autor anônimo condena a lingüística de gabinete e, por tabela, a lingüística de regras e formalismos. Esse mesmo ilustre desconhecido exalta a figura do lingüista das ruas, das comunidades, do ar puro, e do dado vivo e mutante. Ora, considerações como essas, especialmente se revelarmos a importância atribuída ao fato em detrimento da teoria, seriam totalmente cabíveis na lingüística das probabilidades executadas pela teoria da variação. De fato, esse parágrafo, com o qual abrimos o presente texto, poderia ser facilmente alocado como introdução a qualquer trabalho sociolingüístico na explicitação dos pressupostos teóricos e metodológicos nele adotados. Assim, não seriam necessários muito engenho e arte para se supor, alas! justificadamente, que tal parágrafo não poderia pertencer senão a William Labov: idealizador de um modelo de análise lingüística que assume o dado bruto como fato, dele resgatando os mecanismos que regem sua variação e mudança, ou, conforme diz nosso mestre oculto do parágrafo, “como as formas lingüísticas vivem e mudam”. Enfim: um modelo de análise da linguagem que estatisticamente garante sua cientificidade ao projetar as probabilidades dos fatores que mais favorecem ou, ao contrário, inibem o comportamento de formas em variação e mudança. Esse parágrafo dimensiona, pois, a lingüística que,

observe language only on paper and resolve everything into terminology, systems of rules, and grammatical formalism and believe they have then fathomed the essence of the phenomena when they have devised a name for the thing – only he can arrive at a correct idea of the way in which linguistic forms live and change, and only he can acquire those methodological principles without which no credible results can be obtained at all in investigations in historical linguistics and without which any penetration into the periods of the past which lie behind the historical tradition of a language is like a sea-voyage without a compass”. Em nossa tradução apresentada no texto, foram omitidas algumas passagens desse trecho que remetem diretamente a questões de lingüística histórica. Optamos por omiti-las, pois, apesar de o parágrafo representar uma crítica às práticas de lingüística histórica então vigentes, o parágrafo essencialmente recupera questões da epistemologia da lingüística enquanto ciência.

por oposição à lingüística de rígidos formalismos e regras, denominaremos de “ciência das probabilidades”.

Polarizar uma lingüística de regras de um lado, e uma ciência das probabilidades de outro, tem marcado presença em todas as sub-áreas de investigação em lingüística há tempo até demais: na fonologia, na sintaxe, etc, etc, etc. Nesse sentido, essa polarização não só não é recente, como já nos estafou a todos. A grande ironia do parágrafo anônimo reside precisamente no momento histórico em que foi escrito. Esse trecho clássico, extraído de um texto, conforme dissemos anteriormente, igualmente clássico, data de há muito tempo, exatamente, 1878, quando dois “lingüistas” (ou melhor diríamos, dois apaixonados pela linguagem, como nós) escreviam um manifesto contra a lingüística, histórica é bem verdade, praticada na primeira metade do século XIX, instalando assim um novo movimento de força que eles convencionaram denominar de “A escola neo-gramática”. Esse manifesto, algo panfletário, carrega o título não muito esclarecedor de “Morphologische Untersuchungen auf dem Gebiete der Indogermanischen Sprachen I” (= “Investigações Morfológicas na Esfera das Línguas Indo-Européias I”) e, dentro da perspectiva que aqui adotamos, ao nível metodológico se define como uma lingüística de probabilidades. Os pressupostos teóricos dessa escola neo-gramática são, entretanto, tão rígidos que dificilmente poderíamos deixar de classificar sua proposta de análise de uma lingüística de regras. A própria história da lingüística de 1878 até os dias atuais nos revela, de um lado, a força com que se manteve o princípio de regularidade da mudança fonológica preconizada pela escola, desde sua instauração até os idos dos anos sessenta desse século, e, de outro, a imensa quantidade de papel e tinta que foram gastos em críticas severas e agudas ao grupo alemão da segunda metade do século XIX. Essas críticas não diferem muito, em natureza ou mesmo em impacto, das confrontações com que Chomsky e a teoria gerativa se têm debatido desde a criação do informante semi-monstro, semi-divino, o “falante-ouvinte ideal” criado em *Aspects*. Assim, dois modelos da chamada lingüística de regras, com pressupostos teóricos, se não idênticos, ao menos aproximáveis e compatíveis, porém com metodologias radicalmente opostas, recebem, em momentos diferentes e distantes, críticas tão parecidas. Hugo Schuchardt, eminente crioulista/“variacionista” da virada do século, não poupou esforços para combater seus compatriotas neo-gramáticos. Igualmente, a teoria da variação e da mudança lingüísticas, pelo menos em sua fase inicial de explicitação de pressupostos teóricos e metodológicos, por mais lúcida que se pretendesse, não conseguiu refrear Uriel Weinreich, William

Labov e Marvin Herzog (1968) de concretamente oporem a noção de heterogeneidade lingüística sistematizável à disfuncionalidade, segundo eles, da homogeneidade, típica da teoria gerativa.

Mas há mais. Muitas outras águas ainda estão por rolar. Há exatamente dez anos atrás quando Chomsky mais radicalmente reduzia a força do componente transformacional da gramática gerativa ao propor regras de movimento QU e de SN (ou simplesmente, com uma redução mais drástica, movimento alfa), uma deliberação que já havia aparecido esboçada em 1970 em seu artigo sobre nominalizações derivadas e gerundivas, ninguém poderia imaginar que somente alguns anos mais tarde seria encontrada, na mesma sintaxe gerativa, uma exposição de pressupostos que se aproximam dos pressupostos da, pasmem, teoria da variação. Assim, Borer (1984, p.1)² procura estabelecer um quadro teórico que dê conta “in a natural way for language variation”. Ou seja: há questão de somente alguns anos temos nos deparado com uma sintaxe gerativa que se define como paramétrica, que atua à base de princípios e não mais de regras, e que procura resgatar a variação inter-lingüística. Metodologicamente, entretanto, a lingüística gerativa ex- de regras, agora de propriedades paramétricas e a lingüística das probabilidades da teoria da variação continuam muito distantes. E por uma razão bastante simples: continua no ar um velho e desgastado debate sobre uma oposição igualmente antiga e extemporânea: as mazelas entre o empirismo e o racionalismo.

Ora, essa oposição, posto que antiga, mereceria, cremos, nesse momento que queremos tão promissor e produtivo para o desenvolvimento da lingüística, um certo abrandamento. O parágrafo de Osthoff e Brugman, tão empirista em sua metodologia, seria severamente criticado e rejeitado precisamente pelo racionalismo de seus pressupostos teóricos. Eles próprios, por sua vez, combatiam na época o excesso de racionalismo presente na teoria e no método da lingüística histórica comparatista da primeira metade do século XIX. Estamos há pouco menos de 13 anos de mais uma virada de século, mais grave ainda, de uma virada de milênio, e não pretendemos absolutamente nos confinar, mais uma vez, dentro dos limites dessa oposição. Empreenderemos, sim, um novo caminho: aquele que resgata a compatibilidade entre as propriedades paramétricas do modelo

² Borer (1984:1): “If one is to allow for the great level of generality which such an approach implies, and at the same time account in a natural way for language variation, the UG (= Universal Grammar) component must offer a rather abstract class of operations and principles. These can then be interpreted in different ways in different grammars”.

gerativo e as probabilidades do modelo variacionista, seja para provar seu espelhamento e reflexo, seja para realinhar um modelo em função do outro. Acreditamos, assim, num direcionamento mútuo entre a variação intra- e inter-lingüística, enfim: na harmonia trans-sistêmica.

A harmonia trans-sistêmica que aqui esboçamos, indica, sob maneiras várias e variadas, o alcance dos resultados e a generalização e o poder explanatório das análises via propriedades e/ou probabilidades, todas compatíveis entre si. Salientaremos nessa primeira parte do trabalho o poder explanatório contido nas análises projetadas pela lingüística das probabilidades. Labov (1981), por exemplo, ao resolver a controvérsia sobre os neo-gramáticos, atribui-lhes uma importância da qual há muito tempo eles não gozavam. De fato, Labov recupera o valor da escola neo-gramática exatamente no momento em que, via análise probabilística, faz uso de fatores condicionadores sobre a mudança fonológica, projetando resultados típicos de um modelo paramétrico. Com base nas mudanças fonológicas ocorridas e/ou em progresso em vários dialetos do inglês, Labov contrapõe o alcance do modelo neo-gramático àquele pretendido pela escola lexical-difusionista, implantada na década de 60 desse século. Obviamente, o resgate do poder explanatório de um e de outro modelo, neo-gramático vs. lexical-difusionista, é feito via teoria da variação, portanto, via uma lingüística de probabilidades. Isto, porém, não impede o analista-variacionista de afunilar seus resultados a uma tabela que em si só carrega o sabor da lingüística das propriedades.

Tabela 1

	(ohr), (oy), (ay) (uw), (ow)	/ae/ ~ /aeh/
discrete	no	yes
phonetic conditioning	fine	rough
lexical exceptions	no	yes
grammatical conditioning	no	yes
social affect	yes	no
predictable	yes	no
learnable	yes	no
categorized	no	yes
dictionary entries	1	2
lexical diffusion:		
past	no	yes
present	no	yes

(De Labov: 1981, p.296)

Mas a lingüística de propriedades que transparece nas oscilações de SIM/NÃO, FINE/ROUGH, 1/2 na tabela acima, não pára aí no texto de Labov. A polarização típica do modelo paramétrico desponta ainda mais altivamente na pergunta mais importante que o pesquisador se faz no momento de finalmente recuperar a força e o poder explanatório dos dois modelos: o que a análise dos dados revela que permita prever em que circunstâncias a síndrome neo-gramática sobre a regularidade da mudança fonológica se manifesta, e em que casos específicos (entendendo-se aqui configurações e momentos estritamente internos do sistema) se pode prever a síndrome lexical-difusionista, segundo a qual cada um é um, e cada palavra tem sua própria história. E o resultado não é outro, mas uma nova tabela, resultado de uma detalhada análise de levantamento de fatores condicionadores, que, mesmo sem apresentar probabilidades (ou exatamente por isso), demonstra que também o variacionista (isto é, aquele que trabalha com variação intra-lingüística) está interessado em projetar, antecipar e afiançar resultados cujo valor exceda os limites do intra-lingüístico para o universo do inter-lingüístico. Assim, a tabela 2 a seguir simplesmente significa que as chances de se encontrar difusão lexical são maiores nos contextos tais e tais, e raras nos contextos tais e tais.

Tabela 2

	Lexical conditioning reported	No lexical conditioning reported
Vowel shifts		
– within subsystems	1	4
– diphthongization and monophthongization	1	3
– lengthening and shortening	7	0
Consonant shifts		
– change of manner	0	4
– change of place	2	5

(De Labov, 1981: 303)

A esses momentos de generalizações trans-lingüísticas chamamos de momentos ahistóricos da teoria da variação (*Cf.* Tarallo: 1986a) ou de parâmetros sociolingüísticos (*Cf.* Tarallo: 1987). O nome do fenômeno não importa; importa, sim, reconhecer, por exemplo, que, independentemente de laços genealógicos de natureza histórica e/ou

geográfica, de tempo e de espaço, as línguas podem convergir em determinadas partes de sua gramática, revelando movimentos sincronizados e espelhados aos quais os gerativistas preferem denominar de propriedades paramétricas. Sankoff e Tarallo (1987), por exemplo, demonstram que em duas línguas tão distantes quanto o Tok Pisin e o português do Brasil há identidade de processos quanto ao uso da cópia pronominal em orações relativas e não-relativas. Similarmente, uma leitura cuidadosa dos textos de Dubuisson (1981) sobre o francês canadense, de Corvalán (1982) sobre o espanhol mexicano falado em West Los Angeles, e de Lira (1982, 1986) sobre o português carioca revelará que muitos fatores que condicionam a inversão do sujeito nessas línguas filhas do latim e irmãs atuam exatamente na mesma direção.

Um segundo alcance da harmonia trans-sistêmica, no sentido de novamente compatibilizar os resultados da lingüística de probabilidades com as previsões da lingüística de propriedades paramétricas e de princípios, é o realinhamento de uma propriedade de um componente da gramática, do parâmetro sintático, por exemplo, a partir dos resultados probabilísticos sobre outro fenômeno variável presente em outra parte da mesma gramática. Hochberg (1986), por exemplo, faz um cuidadoso estudo das probabilidades de condicionamento do uso cada vez mais freqüente do pronome de segunda pessoa do singular na fala portorriquenha. Hochberg evoca em seu estudo a alta freqüência do processo de erosão das consoantes finais como provável condicionador ao preenchimento do pronome em função de sujeito. Ora, isso traduzido em miúdos sintáticos paramétricos simplesmente significa que AGR deixou de ser sujeito no dialeto portorriquenho e que tal sistema tende a deixar de exibir a primeira propriedade do parâmetro do sujeito nulo. Resultados semelhantes aos de Hochberg já haviam sido apresentados por Naro em artigo de 1981 sobre as restrições morfológicas ao apagamento do sujeito em português. Kato e Tarallo, em artigo anterior (1986), demonstram que a tendência do português do Brasil de perder as propriedades do parâmetro do sujeito nulo também se manifesta no uso cada vez mais freqüente de formas substitutivas, seja SNs plenos, seja pronomes pessoais, como formas indeterminadoras da linguagem, substitutivas do moribundo clítico SE. Nesse sentido, nossos resultados sobre variação e mudança fonológica, de caráter puramente segmental, como o processo de erosão dos segmentos finais, já em si mesmos antecipam um possível realinhamento das propriedades previstas no parâmetro sintático.

Vejamos ainda um terceiro momento em que a variação intra- e inter-lingüística se encontram. Nessa mesma questão do parâmetro *pro drop*, uma lingüística típica de propriedades anteciparia que, no caso de contato entre o português brasileiro e o espanhol americano, uma vez que os dois dialetos das respectivas línguas permitem sujeito nulo e inversão de sujeito, não haveria interferência sintática nos moldes previstos por Weinreich (1953). Um estudo variacionista desse contato (Chaves, 1987) mostra, no entanto, que a interferência se manifesta exatamente nos moldes previstos pelo especialista em línguas em contato. Ou seja: o português da fronteira é sensivelmente mais solto que o da costa e obedece, no condicionamento da inversão do sujeito, precisamente a mesma organização sistêmica do espanhol americano, permitindo inclusive a ordem OVS, inexistente no português falado na costa. A lingüística de probabilidades, portanto, prevê como um dialeto de uma determinada língua, numa situação de contato, pode começar a realinhar as propriedades de seus parâmetros sintáticos.

Assim, a lingüística de propriedades paramétricas parece agir no sentido de TUDO ou NADA; a das probabilidades, na direção do MAIS ou MENOS. Entre uma e outra lingüística existe, obviamente, a postura diferenciada frente ao dado analisado. O TUDO ou NADA do modelo paramétrico sintático aparece, por exemplo, nos fatores *knockout* da variação; o MAIS ou MENOS da variação, por sua vez, permite realinhar propriedades paramétricas ou mesmo explicar por que uma mesma língua tem periferia marcada em um parâmetro e não-marcada em outro. Recentemente, a variação tem também demonstrado que a busca desenfreada dos fatores condicionadores ao uso de variantes, tomando-se condicionamento aqui em seu sentido mais estrito, provou ser infrutífera em alguns casos. Ou seja: há que se lembrar que muitos dos fatores considerados nas análises variacionistas não são absolutamente explicativos, condicionadores segundo o sentido mais tradicional do termo, mas sim, e principalmente, distribucionais e organizadores do universo da gramática. A sintonia entre o intra- e o inter-lingüístico nem por isso se perde; muito pelo contrário, nada há na análise de construções de tópico de Braga (1986; consulte-se também Tarallo: 1986b) que seja incompatível com a análise de categorias vazias no português do Brasil apresentada por Galves. Exatamente o oposto: o reduzido poder discursivo das construções de tópico, apresentado por Braga (1986) se traduz unissonamente nas previsões que Galves faz sobre as categorias vazias em função de sujeito e de objeto em português.

Isso posto, terminamos a primeira parte. Nosso intuito aqui foi

estabelecer um elo entre a variação intra- e inter-lingüística que cremos obrigatório no momento. Enfatizamos nessa primeira parte como os resultados intra-lingüísticos podem ser úteis ao realinhamento das propriedades paramétricas previstas no modelo inter-lingüístico. Faremos a seguir uma incursão mais detalhada no parâmetro do sujeito nulo. Mudaremos, entretanto, o ponto de partida para as especulações que apresentaremos: faremos o caminho contrário, do inter- para o intra-lingüístico.

2. Do Inter- ao Intra-Lingüístico: A Ordem VS em Português

Um dos aspectos da sintaxe do português que mais tem merecido atenção dos estudiosos da lingüística portuguesa é a ordem VS. O estudo desse fenômeno tem sido feito sob várias perspectivas: gerativista-padrão (Bittencourt: 1980); gerativista na linha de Emmonds (1972), (Kato, 1981); gerativista na linha da regência e da vinculação, (Nascimento, 1984; Eliseu, 1984); funcionalista, (Pontes, 1982; Votre e Naro, 1986); sociolingüística variacionista, (Lira, 1982, 1986).

Apesar de ser um aspecto já tão explorado, nosso intuito aqui é estudar a ordem VS em português, usando como ponto de partida não só os estudos existentes sobre a ordem VS em português, mas também aqueles que foram elaborados sobre outras línguas românicas. O objetivo de nosso estudo é, portanto, o de estudar a variação da ordem sujeito/verbo num quadro teórico como o que foi proposto no início do presente trabalho, isto é, numa perspectiva variacionista inter- e intra-lingüística. Iniciaremos essa segunda parte com considerações trans-lingüísticas para depois desenvolvermos os aspectos intra-lingüísticos do português.

Tanto para os tipologistas como Greenberg (1963), Keenan e Comrie (1977), Anderson (1976) e outros, quanto para os universalistas como Chomsky e seus seguidores, há um interesse em se desvendar os parâmetros da variação nas línguas naturais. Para os primeiros, o interesse reside em determinar a variação lingüística possível e para os últimos, o objetivo é estabelecer os princípios que determinam o limite dessa variação.

Para Comrie, um parâmetro é uma propriedade que varia nas línguas naturais de forma significativa. Diz-se que uma propriedade varia de forma significativa quando ela se correlaciona com outras propriedades. Assim, a ordem SOV/VSO pode ser ou não um parâmetro significativo. No momento em que conseguimos correlacionar SOV com posposições, e VSO com preposições, de tal modo que podemos montar

relações implicacionais do tipo: se VSO, então preposições e se SOV, então posposições, poderemos dizer que a ordem dos constituintes maiores não é uma propriedade tipológica arbitrária, mas sim constitui um parâmetro.

Esse conceito de parâmetro é hoje incorporado na teoria chomskiana, que propõe em 1981 o conhecido parâmetro do sujeito nulo (*pro drop*). Entre outras propriedades que se postulou como correlacionadas à possibilidade de uma sentença realizar-se com sujeito nulo, está a da ‘inversão livre’ do sujeito³. O catalão, o italiano e o espanhol são línguas que atestaram a validade desse parâmetro, conforme pode ser visto nos seguintes exemplos e afirmações:

1. Rizzi (1982, p.117), falando do italiano:

“It has been shown in recent work that other properties systematically correlate with the null subject property: first of all null subject languages generally have a free process of subject inversion, while non-null-subject languages generally do not”.

- (1) Ha telefonato Gianni.
- (2) Ho trovato il libro.

2. Torrego (1984, p.103), falando do espanhol:

“Null subject languages, such as Italian and Spanish may have a phonetically unrealized pronoun as subject (...). It is characteristic of these languages to exhibit ‘free subject inversion’”.

- (3) Contesto la pregunta Juan.
- (4) No hablo portugues. (nosso exemplo)

3. Picallo (1984, p.75), falando do catalão:

“Catalan, being a null subject language, shows all the properties commonly associated with languages of this type: free inversion of the subject, missing subject...”

- (5) Ha menjat en Joan.
- (6) Ha menjat.

³ No Brasil o termo ‘apresentativo’ tem sido privilegiado para esse tipo de construção em virtude da semântica de muitos verbos que aparecem nessas estruturas. Preferimos o termo ‘ergativo’, usado por Eliseu e por Saltarelli, porque esse termo expressa o comportamento sintático mais do que o semântico, permitindo englobar construções com verbos aspectuais, incoativos etc.

Dois fatos, porém, vieram colocar em cheque a correlação entre a propriedade de ter sujeito nulo e a de permitir inversão livre:

a) a descoberta por Safir (1982) de dialetos italianos como o Trentino, que, sem permitirem a realização foneticamente nula do sujeito, admitem ainda assim a inversão livre do sujeito⁴.

b) a descoberta de que uma língua de sujeito nulo como o português não pode ter inversão livre de sujeito.

Sujeito nulo e inversão livre de sujeito parecem, diante desses fatos, constituir parâmetros distintos:

Tabela 3

LÍNGUA	SUJEITO NULO	VS LIVRE
italiano (e espanhol)	+	+
português	+	-
trentino	-	+
francês	-	-

Nessa nova colocação, o português, o italiano e o espanhol aparecem como uma classe em função da possibilidade do sujeito nulo e o italiano, o trentino e o francês como uma outra classe. Por outro lado, o italiano, o espanhol e o trentino agrupam-se em relação à inversão livre do sujeito, enquanto, nesse aspecto, o português se alinha com o francês e, poderíamos dizer, com o inglês, se acrescentássemos essa língua à tabela.

Nossa discussão a favor da proposta teórica descrita na primeira parte será feita a partir das seguintes propostas:

a) a ordem VS não é um fenômeno homogêneo como fazem crer os estudos empíricos sobre o português, devendo sua ocorrência, ou incidência, ser analisada levando-se em conta essa heterogeneidade;

b) os estudos lingüísticos de propriedades paramétricas, que, como dissemos acima, agem no sentido do TUDO ou NADA, não diferenciam línguas que admitem VS, embora com restrições como o português, de outras como o inglês que excluem essa ordem de sua gramática de forma quase categórica; consideram ainda que o fenômeno do sujeito nulo tem aplicação harmônica nos dois dialetos do português e no italiano e espanhol e não levam em conta o fato de que pode

⁴ Consulte-se também Franchi e Ilari: 1986, e sua descrição do bielês.

haver aí uma diferença quantitativa que pode aproximar o português, em certos fenômenos, a uma língua de sujeito não nulo como o francês, mais do que as línguas do mesmo parâmetro como o italiano e o espanhol.

Um estudo a partir de uma proposta como a que apresentamos em a) possibilitará não apenas um estudo empírico mais interessante do português, mas dará subsídios para uma lingüística trans-sistêmica a partir da tipologia do fenômeno VS que ocorre em cada língua estudada, além de prover dados sobre o grau de produtividade do fenômeno em cada uma delas.

Na perspectiva do argumento apresentado em (b), a variação trans-lingüística poderá ser estudada não apenas em função da ocorrência qualitativa de um fenômeno, mas também de sua ocorrência quantitativa. Três línguas podem ser agrupadas como pertencentes a um mesmo parâmetro por compartilharem uma mesma propriedade, mas a abordagem quantitativa poderá aproximar duas delas contra a outra em função do grau de incidência de um fenômeno.

2.1 Construções ergativas⁵

Um fenômeno observado não apenas nas línguas marcadas positivamente em relação ao parâmetro da inversão livre (+VS livre), como o italiano, espanhol e o trentino, mas também nas línguas marcadas negativamente em relação a esse traço, é o fenômeno das chamadas construções apresentativas. São elas construções que ocorrem com verbos existenciais e de aparecimento, nas quais o sujeito ou é vazio (português, espanhol, italiano), ou é um expletivo semanticamente vazio (francês, trentino, bielês), havendo, correspondentemente a essas, formas com sujeito lexicalmente preenchido com os mesmos elementos que aparecem na posição pós-verbal. Vejam-se os exemplos, a seguir:

- (7) a. Chegaram os ovos / chegou os ovos
a' Os ovos chegaram
- (8) a. Llegaron los huevos
a' Los hevos llegaron.

⁵ Apesar de chamar a esses verbos de 'ergativos' Eliseu não considera o ergativo e o absoluto como possíveis casos abstratos em português. O problema da concordância, por exemplo, que vem intrigando os gramáticos poderia ter uma resposta natural se considerássemos o SN de verbos ergativos como recipientes de caso absoluto inerente.

- b. Sono arrivati molti ragazzi.
- b'. Molti ragazzi sono arrivati.
- c. Il est arrivées trois filles.
- c'. Trois filles sont arrivées
- d. Al a ny I Dz'uan (bielês)
ele tem vindo o João
- d'. Al Dz'uan al a ny.

Até mesmo o inglês apresenta, com alguns poucos verbos (*appear, come, arrive*), a construção apresentativa com o expletivo *there*:

- (9) a. There appeared some ants in the kitchen.
- a'. Some ants appeared in the kitchen.

As primeiras hipóteses sobre esse tipo de sentença assentaram-se na suposição de que essas construções eram derivadas de uma ordem básica SV (Kayne, 1972; Perlmutter, 1976; Bittencourt, 1980). Posteriormente, essas construções foram propostas como básicas no francês (Hershensohn, 1982), no português de Portugal (Eliseu, 1984), no português do Brasil (Kato, 1981; Nascimento, 1984). Kato (1981) propôs que as ordens SV e VS eram igualmente básicas no português, mas, para a maioria desses autores e para os autores do presente trabalho, se há algum tipo de inversão com verbos ergativos, não seria a de posposição do sujeito, mas sim do alicamento do argumento interno do verbo (objeto) à posição de seu argumento externo (sujeito), ocupado inicialmente por uma categoria vazia. Essa proposta se justifica dentro da teoria da regência e da vinculação, mais especificamente, dentro da teoria da vinculação (ou da ligação, como é chamada por outros).

Uma característica importante desse tipo de construção é que ela é restrita a certos tipos de verbos que Eliseu (1984) e Saltarelli (1981) chamaram de verbos ergativos pela possibilidade de seu argumento único poder ocupar tanto a posição de objeto quanto a de sujeito e pelo fato de terem um objeto que não aceita caso acusativo, características essas do caso absolutivo nas línguas ergativas, também chamadas por esse motivo línguas inacusativas⁶. Para Eliseu, ao contrário de outros autores que trabalharam com o português, esses verbos não

⁶ No português de Portugal, conforme mostra Âmbar (1985), o fenômeno da inversão do verbo é menos compulsório do que no espanhol e mais obrigatório do que no português do Brasil. Para maiores detalhes sobre as diferenças entre essas três línguas, consulte-se Kato (1987).

constituem uma subclasse dos verbos intransitivos, mas constituem uma classe de verbos à parte, com propriedades que permitem aproximá-los dos verbos transitivos de um lado e com outras propriedades que os identificam com os intransitivos.

A análise de Eliseu mostra que o português tem uma classe bastante grande de tais verbos, não se limitando a verbos de existência e de apresentação, mas incluindo verbos aspectuais, incoativos e pronominais passivos. Isso não significa, porém, que todas as línguas que manifestam construções ergativas apresentem essa produtividade do português⁷. Embora o francês ateste tais construções, o fato de não ser uma língua de sujeito nulo nos faz predizer que a construção 'il V SN', onde 'il' é expletivo, se limita a uma classe de verbos bem menor do que a do português.

Assim, se não considerarmos as construções ergativas como um fenômeno de inversão livre e as acrescentarmos à tabela 3, teremos:

Tabela 4

LÍNGUA	SUJ NULO	VS LIVRE	SINTAXE ERG
italiano (esp)	+	+	+
Trentino	-	+	+
Francês	-	-	+
Português	+	-	+

2.2 O fenômeno da anteposição do verbo (V-fronting)

Nos estudos sintáticos sobre o francês, foi identificado um tipo de inversão verbo-sujeito, que se tornou conhecido como 'inversão estilística' (Kayne, 1972, 1979; Jaeggli, 1982) e que Jaeggli distingue das chamadas construções apresentativas por não apresentarem restrições lexicais:

- (10) a. Quand partira ce garçon?
 b. A qui donnera ce cadeau ton frère?

⁷ A construção de anti-tópico com pronome resumptivo no francês parece ser freqüente no francês coloquial, segundo intuição de Charlotte Galves, falante nativa do idioma. Supôs-se ainda que o trentino se comportasse como o bielês, cujos dados foram apresentados por Franchi e Ilari (1986).

Além de não ser restrito lexicalmente, o que distingue essa inversão da construção apresentativa é que ela necessita de um elemento desencadeador. Nas sentenças acima é o pronome interrogativo.

Torrego (1984) distingue inversões livres de não-livres em espanhol e mostra que a inversão obrigatória ocorre no contexto de pergunta com pronome interrogativo e em subordinadas interrogativas. A autora define a inversão obrigatória com um fenômeno de anteposição do verbo (verb-fronting), como já o havia feito antes Schwartz (1981), também na análise do espanhol. Os exemplos de Torrego seguem abaixo:

- (11) a. Que querian esos dos?
b. *Que esos dos querian?
- (12) a. Con quién vendrá Juan hoy.
b. *Con quién Juan vendrá hoy.
- (13) a. No sabia que querian esos dos.
b. *No sabia que esos dos querian.
- (14) a. No me acuerdo a quién prestó Juan el diccionario.
b. *No me acuerdo a quién Juan prestó el diccionario.

Pontes (1982) observa que, na gramática tradicional, Epifânio Dias e Gladstone Chaves de Mello postulam que a ordem VS é obrigatória em português em perguntas com pronome interrogativo. A autora verifica, em seu *corpus* escrito, que a regra é efetivamente respeitada, enquanto em língua oral foi baixa a incidência desse tipo de dados. No estudo de Pontes (1982), conquanto ele seja o único em português que apresenta dados de inversão em interrogativas e subordinadas, a ordem VS é tratada como um fenômeno estrutural único – sujeito posposto ao verbo –, apenas determinado por diferentes fatores condicionadores.

As formas correspondentes, em português, aos exemplos de Torrego mostram que a ordem preferida em língua oral, no Brasil, segundo os dados de Pontes, corresponde justamente à tradução das formas agramaticais em espanhol⁸:

- (15) a. O que queriam esses dois?
b. O que esses dois queriam?

⁸ Uma análise trans-lingüística que pretendemos empreender como parte do projeto é fazer uma análise comparativa das classes de verbos que possuem a sintaxe ergativa nas várias línguas SVO.

- (16) a. Com quem veio o João hoje?
b. Com quem o João veio hoje?
- (17) a. Eu não sabia o que queriam esses dois.
b. Eu não sabia o que esses dois queriam.
- (18) a. Não me lembro para quem emprestou o João o dicionário.
b. Não me lembro para quem o João emprestou o dicionário.

Nota-se ainda que a ordem é livre com verbos com dois argumentos, os quais na estrutura com complementador, com a subida de um deles, passam a configurar-se com apenas um argumento, enquanto que, com verbos de três argumentos, como em (18), mesmo com um deles alçado à posição de complementador, a oração subordinada continua a ter uma configuração transitiva tornando a sentença inaceitável. Observe-se que uma explicação funcional de que dois SNs depois do verbo causam ambigüidade não dá conta dessa anomalia, pois não há possibilidade de confusão de interpretação quanto aos papéis temáticos e função gramatical dos dois SNs restantes.

Vê-se, portanto, que, embora distintos, os fenômenos da construção ergativa e da construção com anteposição de verbo têm alguns aspectos em comum, em português: a construção ergativa é, por definição, mono-argumental e a inversão do verbo só ocorre se a estrutura argumental resultante, descontado o argumento que foi para a posição de complementador, for mono-argumental.

Podemos dizer que esse fenômeno de anteposição de verbo ocorre em função da atração que o elemento interrogativo exerce sobre o verbo nessas línguas, da mesma forma que em outras, como no alemão, o fenômeno é inverso, isto é, o elemento interrogativo repele o verbo, jogando-o para o fim da sentença (*cf.* McCray, 1981).

Poderíamos nos perguntar agora se são apenas pronomes interrogativos que exercem esse tipo de atração. Torrego nota que, com certos advérbios, podemos ter inversão livre, mas não obrigatória em espanhol:

- (19) a. Siempre lee lo mismo Maria.
b. *A quien siempre lee lo mismo Maria?

A autora divide os fenômenos de inversão conforme seu caráter livre ou obrigatório, mas, a nosso ver, é mais interessante separar o fenômeno conforme sua natureza. No caso da forma agramatical (19)b,

se entendermos que o advérbio anteposto quando carrega V-FRONT está em posição de complementador, a agramaticalidade é automaticamente explicada, pois não podemos ter o elemento interrogativo e o advérbio ocupando a mesma posição.

Nossa tese é de que, em princípio, qualquer elemento focal em COMP, isto é, qualquer elemento que vá para a posição de complementador teria o mesmo efeito. Nesse sentido, advérbios que são tópicos não exerceriam essa atração, mas advérbios que são foco levariam consigo o verbo.

- (20) a. *Dormem as crianças.
 b. As crianças dormem aqui.
 c. *Dormem as crianças aqui.
 d. Aqui dormem as crianças. (aqui = foco)
 e. Aqui, as crianças não dormem. (aqui = tópico)

O verbo *dormir* não é um verbo ergativo e, portanto, a estrutura a. não é bem formada. Em b. temos *aqui* como foco. Se *aqui* como informação nova aparece no início da sentença, ele levará consigo o verbo *dormir*, causando a inversão. Se o advérbio é o tópico da sentença como em e., o verbo permanece em sua posição canônica.

Ao contrário do que ocorre com os pronomes interrogativos, o movimento do advérbio para a posição de complementador provoca uma anteposição obrigatória do verbo. Este tipo de inversão é encontrada mesmo no inglês, que não admite inversão com pronomes interrogativos:

- (21) a. Down went the trolley.
 b. *Where went the trolley?

É importante observar, contudo, que a anteposição do verbo não ocorre com qualquer advérbio, mas parece ser uma propriedade dos locativos e, dentre esses, os que favorecem mais seriam os dêiticos *aqui* e *lá*.

Muitos casos de aparente posposição do sujeito podem ser melhor entendidos se esse tipo de explicação estiver acessível. Assim, um dado interessante no *corpus* de Votre e Naro (1986), tratado como um caso de sujeito posposto, constitui, a nosso ver, um caso de anteposição de verbo. O exemplo dado é com verbo transitivo, o qual, segundo a maioria dos autores, desfavorece a inversão.

- (22) a. Cem mil cruzeiros faturou nossa banca.

Essa sentença pode ser interpretada no contexto b. (explícito ou não):

b. Quanto faturou a sua barraca?

no qual, em função do complementador *quanto*, o verbo se antepõe ao sujeito. Logo, se (22)a. for interpretada como a informação que tem a questão subjacente (22)b., o SN *cem mil cruzados* será o foco da sentença e estará, portanto, ocupando a posição de complementador. A entoação descendente é uma pista a mais para essa interpretação. Parece-nos difícil impor uma entoação ascendente a esse enunciado, situação que, se fosse possível, daria a interpretação topical ao SN em questão.

Citações com verbo *dicendi* anteposto ao sujeito poderiam também ser um caso especial de fronteamento de verbo, uma vez que o que se cita é normalmente o foco sentencial.

(22) c. O gatilho saiu, anunciou o jornalista.

Vimos nessa seção que o movimento de anteposição do verbo ao sujeito é obrigatório em francês e em espanhol (acreditamos também em italiano e possivelmente em trentino) e apenas opcional no português do Brasil. Acrescentando-se mais essa regra à tabela 4, teremos:

LÍNGUA	SUJ NULO	VS LIVRE	SINT. ERGATIVA	V-FRONT (obrig)
Italiano (esp)	+	+	+	+
Trentino	-	+	+	+
Francês	-	-	+	+
Português	+	-	+	-

2.3 No que consiste a inversão livre?

Vimos até aqui pressupondo que a inversão livre, isto é, a posposição do sujeito, ocorre livremente no espanhol, no italiano e no trentino, mas não foi definido o que se entende por essa inversão, se dela excluirmos as construções ergativas, ou apresentativas, e as inversões do verbo. Podemos deduzir pelos exemplos de Rizzi, Torrego e Franchi e Ilari que se trata de inversões que afetam estruturas contendo verbos transitivos e verbos intransitivos distintos dos apresentativos.

Ora, vimos que a classe de verbos ergativos pode variar de língua para língua e nada nos impede de colocarmos verbos não-existenciais e não-apresentacionais nessa classe. O italiano e o espanhol seriam línguas que não fariam distinção entre verbos intransitivos e ergativos no que diz respeito à posição pré- ou pós-nominal do único argumento. Contudo, se pensarmos em termos semânticos, verbos como *telefonar*, usado por Rizzi e *contestar*, usado por Torrego, em suas respectivas exemplificações de ‘inversão livre’, têm um argumento agente, papel esse que, nas línguas ergativas, não se codifica como absoluto e, sim, como ergativo. Logo: a análise que propõe para esses verbos uma codificação neutralizada do argumento único em termos de sujeito ou objeto, não deve ser procedente. Além disso, o sujeito posposto nos exemplos do italiano e do espanhol são nomes próprios, humanos, definidos, justamente os traços que as pesquisas empíricas mostram não serem os que favorecem a construção ergativa, ou apresentativa como se costuma chamá-las.

Ora, se o SN pós-verbal de construções não ergativas não é objeto, que lugar deveria esse SN ocupar? Antes de dar uma possível resposta para essa pergunta, vejamos a questão seguinte.

Em relação às inversões observadas com estruturas transitivas no espanhol e no italiano, é óbvio que seus verbos não podem ser definidos como ergativos. Teríamos que considerá-las, portanto, um fenômeno diferente. Como a regra de frenteamento do verbo não exige que o verbo seja mono-argumental, poderíamos indagar se não seria possível considerar essas inversões como de frenteamento de V e não de posposição do sujeito. Ora, o movimento para complementador torna o elemento movido o foco da sentença. Mas como SV já é normalmente o foco da sentença, não parece ter sentido movê-lo de seu lugar de origem para um outro lugar se ambos são interpretados como tendo a mesma função. No caso do advérbio, seu movimento para COMP, para fora de SV, tem o efeito de lhe dar maior proeminência como foco do que o restante do SV, e sua posição inicial destacada do SV se justifica funcionalmente. No caso do SV, parece ser mais lógico entendermos que o SV permanece em seu lugar de origem, onde tem naturalmente a função de foco e supor que o sujeito é que, por algum motivo, se encontra posposto. Se for esse o caso, é de se supor que ela não se restrinja a verbos transitivos. Verbos mono-argumentais agentivos como *telefonar* submeter-se-iam ao mesmo tipo de construção. Logo, a chamada regra de ‘inversão livre’ movimenta o sujeito de verbos transitivos, intransitivos, e – acrescentaríamos – os de ligação para a direita.

A questão que surge nesse ponto de nossa reflexão é: para onde vão esses SNs sujeitos? Não pode ser para a posição de objeto porque, no caso dos verbos transitivos, já há um objeto e, no caso dos verbos de ligação, não há lugar previsto para essa função. Além disso, haveria violação dos princípios da vinculação, pois o vestígio, que é um anafórico, estaria c-comandando seu antecedente. Uma outra possibilidade seria a posição em adjunção a SV. Mas aí também não teríamos como estabelecer a vinculação desse SN em adjunção com o seu vestígio. Finalmente, uma outra alternativa seria o movimento do sujeito para uma posição não-argumental, adjunta a S, isto é, para a posição de anti-tópico, simétrica à de tópico. Essa análise nos faz perceber por que em português essas inversões são marginais, parecendo limitar-se a verbos de ligação:

- (23) a. Tá pronto, o vestido azul.
b. Fica na esquina, o cinema.

O anti-tópico, como o tópico, é, em geral, um elemento definido, e constitui no discurso o que podemos chamar de pensamento ulterior ('afterthought', segundo tradução de Pontes, 1982), ou construção *a posteriori* (segundo Martins, 1983). Em português, em lugar de sujeito nulo, o que temos normalmente é o sujeito preenchido pronominalmente em construções como as que se seguem:

- (24) a. Ele tá pronto, o vestido azul.
b. Ele telefonou, o João.
c. Ele respondeu a pergunta, o João.

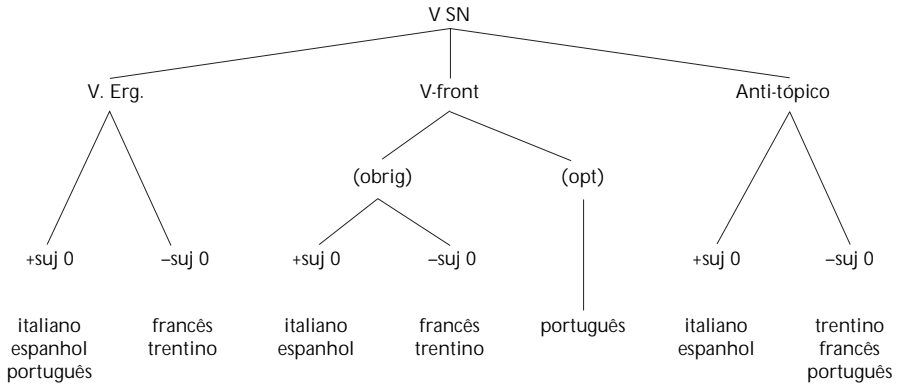
A tendência atual do português brasileiro de preencher o sujeito (cf. Kato e Tarallo, 1986; Galves, 1986) explicaria por que a chamada 'inversão livre' não é produtiva em português.

Na verdade, se considerarmos o fenômeno da 'inversão livre' como de construção de anti-tópico, não precisamos pressupor uma inversão. Numa visão interpretativista e não-transformacionalista, esses SNs anti-tópicos seriam gerados como anti-tópicos e os sujeitos nulos ou pronominais seriam interpretados como correferentes a esses anti-tópicos.

O que parece ocorrer de distinto entre o português e línguas como o espanhol e o italiano é que, da mesma maneira que a função de tópico acha-se gramaticalizada como sujeito nessas línguas, a função de anti-tópico está gramaticalmente integrada à sentença. No português do Brasil, por outro lado, tanto o tópico quanto o anti-tópico tendem a aparecer em posições não-argumentais.

A análise do fenômeno V SN nos leva, pois, ao seguinte quadro final:

(25)



O português comporta-se, nas construções ergativas, exatamente como línguas de sujeito nulo e nas construções de anti-tópico, como língua de sujeito não-nulo. Em relação a V-front, apresenta um comportamento diferente, tanto de línguas de sujeito nulo, como de sujeito não-nulo, porque a regra não tem caráter obrigatório em nossa língua.

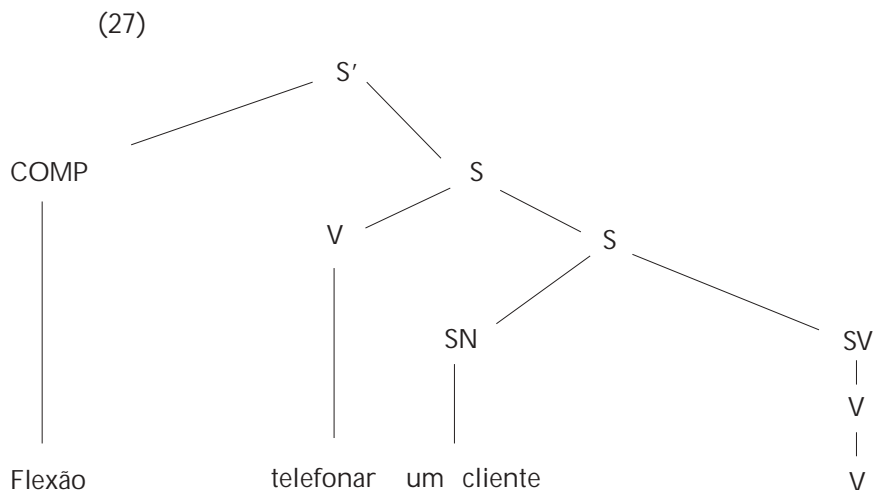
Vimos supondo até aqui que com verbos intransitivos (não-ergativos) e verbos transitivos a inversão envolve sempre sujeitos definidos e, além disso, que a inversão é livre nesses casos, embora as construções invertidas fiquem mais naturais com pronome resumptivo.

Há, porém, casos de ordem VS com verbos não-ergativos, em que o sujeito é indefinido, e que não constituem construções de anti-tópico.

- (26) a. Viajou um estranho comigo.
b. Telefonou um cliente.

Como as posições de objeto e de SN em adjunção a SV não são possíveis pelas razões apontadas acima e a posição de anti-tópico não é viável por causa da entoação não marcada dessas sentenças, a solução possível é que há anteposição de verbo e não posposição de sujeito. Teríamos que admitir, nesse caso, que a anteposição do verbo ou pode ocorrer independentemente de outro elemento em COMP que o atraia

ou que efetivamente algum elemento foi para COMP. Podemos pensar que tal elemento seria a Flexão.



O efeito funcional dessa regra em português é que o sujeito nessa nova posição passa a ser naturalmente interpretado como parte do foco da sentença. É interessante lembrar aqui que, para o inglês, que não tem posposição de sujeito, Guéron propõe a regra de anteposição do verbo na forma lógica para que uma sentença como 'A man arrived' possa ser interpretada como sentença apresentativa, isto é, aquela que tem o sujeito como foco da sentença. O que ocorre no português é que a sua estrutura-S apresenta, nesse aspecto, uma isomorfia perfeita com a forma lógica.

Resumindo o que vimos nesta seção, podemos identificar, em português, três tipos de fenômenos envolvidos na chamada ordem VS:

a) sintaxe ergativa, regida lexicalmente, na qual o SN à direita do verbo é um objeto inacusativo;

b) construções em que o verbo se antepõe ao sujeito, atraído por algum elemento em COMP, como pronomes interrogativos, advérbios dêiticos e até a própria Flexão;

c) construções de anti-tópico, em que o sujeito é um pronome resumptivo zero, anafórico de um SN em posição adjunta a S, não-argumental.

Na seção seguinte, tentaremos partir de análises intra-lingüísticas para explicar por que o português apresenta um comportamento

aparentemente idiossincrático em relação a outras línguas que apresentam os fenômenos de ordem V SN considerados.

3. Do Intra ao Inter-lingüístico: a ordem VS em português

Como já enfatizamos anteriormente, as abordagens trans-lingüísticas caracterizam-se por abordar a variação do ponto de vista da existência ou não de uma determinada propriedade, mas não diferenciam línguas que, embora sendo positivamente marcadas em relação a uma determinada característica, apresentam diferenças quanto ao caráter obrigatório ou livre de um regra ou em relação à incidência quantitativa de um fenômeno. As análises variacionistas intra-lingüísticas, por outro lado, têm enfatizado justamente os aspectos quantitativos e o caráter categórico ou não de uma regra.

Nas propriedades paramétricas que vimos examinando e propondo, essas diferenças são fundamentais para explicar a aparente idiossincrasia do português brasileiro em relação às outras línguas românicas. Uma incursão nos estudos intra-lingüísticos pode, no nosso entender, trazer a explicação para o porquê desse comportamento diferenciado.

As análises intra-lingüísticas do português (*cf.* Kato e Tarallo, 1986; Lira, 1982, 1986) têm revelado que na variante falada no Brasil, pelo menos, o sujeito é preferencialmente preenchido. A existência e o uso de pronomes tônicos e não-monossilábicos como *você* e *vocês* e de elementos quasi-pronominais como *a gente* mostra que o lugar do pronome reto é fonologicamente bastante saliente em nossa língua, ao contrário de outras línguas românicas, nas quais ele tende a reduzir-se a ponto de cliticizar-se ao verbo. Os pronomes acusativos, por outro lado, estão gradativamente sendo substituídos ou pelas formas nominativas correspondentes (*ele* em lugar de *o*, por exemplo) ou sendo eliminadas de todo, causando um tipo de elipse inusitado nas línguas românicas (*cf.* Duarte, 1986).

Por outro lado, as análises feitas para o espanhol revelam que é justamente quando o objeto é clítico que as inversões tanto livres quanto obrigatórias ocorrem. Nas palavras de Bentivoglio e D'Introno (1978: 10), falando da ordem VSO ou VOS:

... generalmente se trata de oraciones con verbos intransitivos, o con verbos cuyo objeto es un clítico, como en los ejemplos (2) e (3): (2) ... no llego el medico residente... (3) ... o ssa, cuando lo pediam los de la division...;

Terker (1984:276) constata o mesmo:

In fact, any transitive verb with two arguments will freely occur in sentences with VS order as long as the object is a clitic, as in (3) and (4): (3) Lo instalo Esteban. (4) Quería hacer-lo Juan. Even verbs with three arguments readily permit VS order if all the objects are clitics, as in (5) and (6) show: (5) No lo recomendo mi primo. (6) Se lo iba a decir el estudiante.

Essas generalizações indutivas sobre os pronomes pessoais nas duas línguas ajudam a explicar por que o português não tem o mesmo comportamento do espanhol e possivelmente do italiano e por que, no caso particular de V-FRONT, o francês e o trentino se avizinham mais dessas línguas do que o português. O uso cada vez mais generalizado do pronome pessoal sujeito preenchido explica o fato de nossa língua não ser produtiva em relação à regra de 'inversão livre' que, explicamos acima como apenas uma possível manifestação de construção de anti-tópico, isso porque esse tipo de construção tende a ter um pronome sujeito como no trentino e no francês. A obrigatoriedade da regra de V-FRONT, por sua vez, está ligada parametricamente à propriedade de haver um sistema produtivo de clítico acusativo. Colocadas as propriedades de +/- sujeito0 e +/- clítico acusativo como propriedades independentes, podemos propor que a propriedade V-FRONT está ligada à de +clítico acusativo, pois a regra junta o italiano, o espanhol, o trentino e o francês, todas elas línguas com clítico acusativo, mas é independente do parâmetro do sujeito0.

O que podemos propor através da análise intra- e inter-lingüística são, pois, dois parâmetros independentes: +/- sujeito0 e +/- clítico acusativo. Se uma língua for +clítico acusativo podemos prever que ela terá V-FRONT obrigatório. A língua portuguesa de Portugal e o nosso português escrito parecem atender a essas duas propriedades, mas não o português coloquial falado no Brasil.

Por que o fato de uma língua usar um sistema de clítico acusativo a torna mais permeável à regra de V-FRONT?

Ora, vimos acima que o número de argumentos era um fator importante na possibilidade de aplicação da regra, pois ela parece exigir que, depois de retirado um dos argumentos para a posição de complementador, a estrutura remanescente seja mono-argumental. O processo de cliticização tem exatamente o efeito de redutor de argumentos uma vez que o elemento que se cliticiza passa a formar um vocábulo fonológico com o elemento ao qual ele se cliticiza. Portanto,

uma língua que tenha um sistema produtivo de clíticos acusativos oferecerá condições favoráveis à atuação da regra.

Se a língua for +clítico acusativo e também +sujeito nulo, ela terá construção de anti-tópico com o sujeito preenchido por categoria vazia, no caso uma variável, dado que supomos que o SN posposto está em posição não-argumental. A língua manifestará, então, aquilo que os lingüistas gerativistas têm chamado de ‘inversão livre’.

A análise mostra ainda que o português não pode ser ainda rotulado de -sujeito0 pois as construções ergativas manifestam ainda categoricamente sujeito nulo. Isso nos leva a propor a hipótese de que, se uma língua muda do parâmetro sujeito nulo para sujeito não-nulo, as construções ergativas serão as mais resistentes à mudança. Podemos propor ainda que a diferença de submissão da construção de anti-tópico e da construção ergativa se deve à diferente natureza da categoria vazia que aparece nessas construções quando a língua é de sujeito nulo. Em nossa análise, na primeira construção, ocorre uma variável e, na segunda, um pronome expletivo vazio. É interessante ressaltar aqui que, em outros contextos em que ocorre uma variável, a tendência é também termos um pronome expresso, não só em posição sujeito mas também em outras posições:

- (28) a. Encontrei um apartamento, que ele é lindo de morrer.
 b. Encontrei um apartamento que a cozinha dele fica dentro de um armário.
 c. O apartamento, ele fica no Bixiga.
 e. O apartamento, eu vi o anúncio dele no jornal.

A resistência das construções ergativas a ter sujeito expletivo expresso talvez se deva ao fato de essas construções contarem com a possibilidade de alçamento do argumento interno à posição de sujeito, regra essa cujo efeito é de preencher o sujeito vazio, não havendo, portanto, a necessidade de preenchê-lo com um pronome.

4. Por uma Harmonia Trans-sistêmica

Fica, assim, determinado nas três seções anteriores o que pretendemos com harmonia trans-sistêmica. Conforme o argumento apresentado na primeira seção, já vai longe o tempo em que os estudos sobre a linguagem se debatiam entre o “ser empírico” e o “ser racionalista”. Herdamos, obviamente, as duas tradições, tendo até chegado em determinados momentos, recentes inclusive, a polarizá-las tanto ou ainda mais que os nossos predecessores.

Há quem diga, por exemplo, que Chomsky, ao haver instaurado um novo modelo de gramática desde 1981, fez por bem levantar uma bandeira branca e pedir trégua. Não nos parece ter sido bem essa a situação: nada mais natural e esperado, no crescimento e desenvolvimento da ciência, que um modelo (de análise gramatical, no caso) se reformule a partir da constatação de suas próprias limitações. Simplesmente, a gramática gerativa chegou a um momento em que aqueles dados trans-lingüísticos e diacrônicos, dantes considerados como marginais à argumentação interna à teoria, assumem papel de destaque.

Necessária e decorrentemente, o absolutismo dos universais lingüísticos, alvo tão desejado do modelo padrão da gramática gerativa, cede lugar a um modelo mais compreensivo e abrangente daquilo que pretende resgatar: a variação inter-lingüística.

Similarmente, alguns empiristas dessa segunda metade do século XX passaram, talvez exatamente por serem empiristas, por maus momentos. A excessiva ênfase ao dado bruto fez, não raras vezes, com que se perdesse de vista o real alcance teórico que os resultados das análises permitiam projetar. A análise sobre a chamada inversão do sujeito, recuperada da literatura na terceira seção desse trabalho, transparece a cada dado analisado sobre a variação na colocação do sujeito, nos estudos variacionistas já realizados.

Daí a se dizer que a variação intra-lingüística, por se preocupar com estudos de línguas particulares, esteja “a serviço” da variação inter-lingüística seria um despropósito e uma grande injustiça. Seria fazer da gramática gerativa uma teoria maior: um espaço de onde os analistas se projetariam como primas-donas⁹.

Ambas as teorias são grandes e igualmente importantes. Cada uma cresce à medida que da outra se alimenta. A variação inter-lingüística, no realinhamento dos parâmetros sintáticos que pressupõe e prevê, conseguiria informações cruciais em sua busca de refinamento de análise. A variação intra-lingüística, por outro lado, deixaria de se perder em meandros de possíveis fatores condicionadores, evitando, via projeções da variação inter-lingüística, levar a estatística às últimas conseqüências quando a organização do dado, em si só, já anteciparia a irrelevância dos fatores considerados.

⁹ A esse respeito, ver Bickerton (1981:45): “The task of the theorist is to tell the field-worker where to look and what to look for, and if the latter chooses to reject such aid, he has about as much brain as the man who throws away his metal detector and proceeds to dig by hand the three-acre field where he thinks treasure lies buried”

A teoria gerativa, segundo os próprios gerativistas, mantém forte sua presença por permitir o levantamento de perguntas: isto é, trata-se de uma teoria que praticamente não precisa do dado para fazer novas perguntas em relação ao próprio dado. Ora, antes que realmente a teoria da variação venha a se constituir em uma mera metodologia e/ou simples procedimentos metodológicos de pesquisa “a serviço” de uma “suposta” teoria maior, momento se faz para que os resultados já obtidos a partir do estudo de línguas particulares, seja em que parte da gramática for, sejam “parametrizados” e tenham seu conhecimento adquirido finalmente capitalizado. Só assim, cremos, teremos finalmente conseguido deixar de lado, ou nos importar menos com a oposição entre racionalismo e empirismo que, durante tanto tempo, evitou que mais progresso tivesse sido feito nos estudos sobre a linguagem.

Referências bibliográficas

- ÂMBAR, M. “Sobre a estrutura dos constituintes interrogativos. Governo e inversão”. *Actas do primeiro encontro da Associação Portuguesa de Lingüística*. Lisboa, 1985.
- ANDERSON, S. “On the notion of subject in ergative languages.” In: C. N. Li (org). *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976.
- BICKERTON, D. *Roots of language*. Ann Arbor: Karoma Publishers, Inc, 1981.
- BENTIVOGLIO, P. e F. D’INTRONO. *Ordem de palavras y posición del sujeto em espanol de Caracas: un estudio sociolingüístico*. Comunicação apresentada no V Congresso Internacional da ALFAL. Caracas, 1978.
- BITTENCOURT, V. O. “Considerações sobre as condições sintáticas de posposição do sujeito em português”. In: *Ensaio de Lingüística*, 3: 72-86, 1980.
- BORER, H. *Parametric Syntax. Case studies in Semitic and Romance languages*. Dordrecht: Foris, 1984.
- BRAGA, M. L. *Construções de tópico de discurso*. Relatório Final do Projeto: Subsídios sociolingüísticos do Projeto ‘Censo’ à Educação, submetido à FINEP, 1986.
- CHAVES, A. S. *A ordem VS no português da fronteira*. Dissertação de Mestrado – PUC-SP: São Paulo, 1987.
- CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1965.
- CHOMSKY, N. “Remarks on Nominalizations.” In: R. A. Jacobs e P. S.

- Rosebaum (orgs). *Readings in English Transformational Grammar*. Waltham, Mass.: Ginn and Co, 1970.
- CHOMSKY, N. "On wh-movement." *In*: A. Akmajian; P. Culicover e T. Wasow (orgs). *Formal Syntax*. New York: Academic Press, 1977.
- CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, N. *Some concepts and consequences of the Theory of Government and Binding*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1982.
- CHOMSKY, N. *Knowledge of language: its Nature, Origin and Use*. New York: Praeger, 1986.
- COMRIE, B. *Language Universals and Linguistic Typology*. Chicago: University of Chicago Press, 1981.
- CORVALÁN, C. Silva. "Subject expression and placement in Mexican-American Spanish". *In*: J. Amastae e L. Elias-Olivares (orgs). *Spanish in the United States: Sociolinguistic Aspects*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- DUARTE, M. E. L. *Variação e sintaxe: Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. Dissertação de Mestrado – PUC-SP: São Paulo, 1986.
- DUBUISSON, C. "L'inversion du SN sujet et la post-position du SN lourd em français". *In*: D. Sankoff e H. Cedergren (orgs). *Variation Omnibus*. Edmonton, Alberta: Linguistic Research Inc, 1981.
- ELISEU, A. M. G. S. *Verbos ergativos do português: descrição e análise*. Trabalho de síntese para a prova de aptidão pedagógica e capacidade científica – Faculdade de Letras, Lisboa, 1984.
- EMMONDS, J. "A reformulation of certain transformations". *In*: S. Peters (org) *Goals of Linguistic Theory*. New Jersey: Prentice Hall, 1972.
- FRANCHI, C. e R. ILARI. "Clíticos nominativos e inversão do sujeito em bielês". *Revista DELTA - Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, 2, 1: 77-126, 1986.
- GALVES, Ch. "Pronomes e categorias vazias no português do Brasil". *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 7 :107-136, 1984.
- GALVES, Ch. *A sintaxe do português brasileiro*. Trabalho apresentado no Simpósio sobre Diversidade Lingüística no Brasil, UFBA, 1986.
- GREENBERG, J. *Universals of Language*, 2nd ed. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1963.
- HERSCHENSOHN, J. "The French presentation as a base-generated structure. *Studies in Language*, 1, 2: 193-219, 1982.
- HOCHBERG, J. "Functional compensation for /s/ deletion in Puerto

- Rican Spanish". *Language*, 62, 3: 609-621, 1986.
- JAEGGLI, O. *Topics in Romance Syntax*. Dordrecht: Foris, 1982.
- KATO, M. A. "Sujeito opcional nas regras de base do português e suas conseqüências na estrutura superficial". *Anais do V Encontro Nacional de Lingüística PUC-RJ*. Rio de Janeiro, 1981.
- KATO, M. A. "Inversão da ordem SV em interrogativas no português: uma questão sintática ou estilística?". *Revista DELTA - Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, 3, 2: 243-252, 1987
- KATO, M. A. e F. TARALLO. "Anything YOU can do in Brazilian Portuguese". In: O. Jaeggli e C. Silva-Corvalán (orgs). *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris: 1986.
- KAYNE, R. "Subject inversion in French interrogatives". In: J. Casagrande e B. Sacyuk (orgs). *Generative Studies in Romance Linguistics*. Rowley, Mass.: Newbury House, 1972.
- KAYNE, R. "Rightward NP-movement in French and English". *Linguistic Inquiry*, 10, 4: 710-719, 1979.
- KEENAN, E. e B. COMRIE "Noun phrase accessibility and universal grammar". *Linguistic Inquiry*, 8, 1: 63-100, 1977.
- LABOV, W. "Resolving the neo-grammarians controversy". *Language*, 57, 2: 267-308, 1981.
- LIRA, S. *Nominal, Pronominal and Zero Subjects in Brazilian Portuguese*. Tese de Doutorado: University of Pennsylvania, 1982.
- LIRA, S. "Subject Posposition". *Revista DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, 2, 1: 17-36, 1986.
- MARTINS, A. S. *Reflexos da Atividade de Planejamento na Conversação Espontânea*. Dissertação de Mestrado: PUC-SP, São Paulo, 1983.
- McCRAY, A. *Clause initial elements in German*. Papers from the XVII Meeting of Chicago Linguistic Society. Chicago: University of Chicago Press, pp. 205-220, 1981.
- NARO, A. J. "Morphological constraints on subject deletion". In: D. Sankoff e H. Cedergren (orgs). *Variation Omnibus*. Edmonton, Alberta: Linguistic Research Inc, 1981.
- NASCIMENTO, M. *Sur la Posposition du Sujet dans le Portugais du Brésil*. Tese de Doutorado: Université de Paris VIII, 1984.
- NASCIMENTO, M. *A posposição do sujeito em português e a caracterização do parâmetro 'pro-drop'*. Comunicação apresentada no X Encontro Nacional de Lingüística, PUC-RJ, Rio de Janeiro, 1985.
- OSTHOFF, H. e K. BRUGMANN. "Morphologische Untersuchungen auf dem Gebiete der Indogermanischen Sprachen". In: I. Leipzig. (traduzido em W.P. Lehmann (org) 1967). *A reader in Nineteenth*

- Century Historical Indo-European Linguistics*. Bloomington: Indiana University Press, 1878.
- PERLMUTTER, D. "Evidence for subject downgrading in Portuguese". In: J. Schmidt-Radefeldt (org). *Readings in Portuguese Linguistics*. Amsterdam: North Holland, 1976.
- PICALLO, M. C. "The infl node and the null subject parameter". *Linguistic Inquiry*, 51, 75-101, 1984.
- PONTES, E. "A ordem VS em português". *Ensaio de Lingüística*, 7, 90-137, 1982.
- RIZZI, L. *Issues in Italian Syntax*. Dordrecht: Foris, 1982.
- SAFIR, K. *Syntactic Chains and the Definiteness Effect*. Tese de Doutorado: MIT, 1982.
- SALTARELLI, M. *Post-verbal subjects in Italian*. Papers from the XVII Meeting of the Chicago Linguistic Society. Chicago: University of Chicago Press, 1981.
- SCHWARTZ, A. "Verb anchoring and verb-movement". In: C. N. Li (org). *Word Order and Word Order Change*. Austin: University of Texas Press, 1975.
- SANKOFF, G. e TARALLO, F. "Relativization and anaphora in spoken language". *Revista DELTA - Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, 3, 2: 197-214, 1987.
- TARALLO, F. "'Era uma vez...': estórias, história e a-história". *Série Estudos 12: O histórico e o discursivo*. Uberaba: pp. 9-23, 1975.
- TARALLO, F. "Zelig: um camaleão-lingüista". *Revista DELTA - Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, 2, 1: 127-144, 1986b.
- TARALLO, F. "Por uma sociolingüística românica 'paramétrica': fonologia e sintaxe". *Ensaio de Lingüística 13*: 51-83, 1987.
- TERKER, A. "On linear order in Spanish". In: Ph. Baldi (org). *Papers from the Linguistic Symposium on Romance Languages*. Amsterdam: John Benjamins, 1984.
- THOMAS, E. *The Syntax of Spoken Portuguese*. Nashville: Vanderbilt University Press, 1969.
- TORREGO, E. "On inversion in Spanish and some of its effects". *Linguistic Inquiry*, 15, 1: 103-129, 1984.
- VOTRE, S. e NARO, A.J. *Emergência da sintaxe como um efeito discursivo*. ms., 1986.
- WEINREICH, U. *Languages in Contact*. Haia: Mouton, 1953.